



XXXII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE 2012 DIREÇÕES E SENTIDOS DA HISTÓRIA DA ARTE

RESUMOS

Sheila Cabo Geraldo

Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ

Lugares de estar: a condição da arte no comum

A investigação que venho desenvolvendo desde os dois últimos anos tem como proposta avaliar ações de arte no período do final dos anos 1960 e início dos anos 70, especialmente aquelas de oposição experimental aos espaços institucionais de arte. As ações até agora abordadas possuem como particularidade não só terem se dado em situações de enfrentamento dos regimes de governo marcados pela repressão política e cultural, como por terem constituído alternativas experimentais e coletivas, que se abrem para o espaço das cidades como experiência de arte no nível do que Hélio Oiticica chamou de lugares para estar, em que a experiência individual ganha uma conotação pública, como células comunitárias.

Lidas do ponto de vista da história, as experiências de Hélio abrem na segunda metade do século 20 um conceito mais amplo de espaço para a arte, próximo de uma "invenção do cotidiano", descrita por Michel de Certeau, assim como de uma utópica vontade de fazer da arte um lugar do comum. A experiência da arte como lugar de estar, que é uma experiência espacial, mas é também cultural, social, antropológica e política, como são os Ninhos, de Hélio Oiticica, do final dos anos 1960, parece desdobrar-se no trabalho Fairytale, apresentado na Documenta 12, em 2007, por Ai Weiwei, assim como em Desert Park 2010, de Dominique Gozalez-Foester, instalado recentemente no CACI, em Inhotim. São ativações, cujo diagrama implica no debate que envolve a permanência da arte, tanto por recusar o objeto espetacular a ser experimentado pelo observador - ainda que participante -, como por sua condição precária e constituinte, como não-lugares de experiência em arte.

Esse novo conceito pode ser expandido, ainda, para lugares de estar como arquivo e processo, como é o ateliê-apartamento de Paulo Bruscky, mas também para os Lotes Vagos, de Louise Ganz e Breno Silva, que ocupam espaços desumanizados das cidades, como uma espécie de subjetivação, que os transforma em lugares, ainda que inconstantes. O processo de subjetivação como ativação de lugar da arte é, ainda, o que aparece nas cadeiras de praia do grupo Opavivará, mas também no NPB-membranosa, de Ricardo Basbaum, assim como em algumas ações de Rosana Ricalde e Felipe Barbosa. Nesse diagrama inclui-se, ainda, o trabalho Música para as plantas, instalado por João Modé em 2012 nas Cavalariças de da Escola de Artes Visuais do Parque Lage.